

REPERCUSSÕES DA HERANÇA FAMILIAR NA ADAPTAÇÃO AO ENSINO SUPERIOR

THE EFFECTS OF FAMILY INHERITANCE ON THE ADAPTATION TO HIGHER EDUCATION

REPERCUSIONES DE LA HERENCIA FAMILIAR EN LA ADAPTACIÓN A LA EDUCACIÓN SUPERIOR

Hellen Cristina Xavier da Silva Mattos¹
Maria Cristina da Silveira Galan Fernandes²

Resumo: Este artigo visa analisar a influência da herança familiar na adaptação de estudantes ao ensino superior. Pierre Bourdieu é o teórico que subsidia a discussão. Os dados da pesquisa de campo foram obtidos por meio de entrevistas semiestruturadas com estudantes universitários. Os resultados indicaram que o período inicial de entrada na universidade e a adaptação ao ensino superior foram marcados pela herança familiar. Os estudantes relataram sentir um estranhamento em relação ao campo universitário e incapacidade diante das exigências acadêmicas. Conclui-se que a herança familiar repercute no ensino superior, não sendo, contudo, determinante no progresso dos estudantes.

Palavras-chave: Campo universitário. Herança familiar. *Habitus* estudantil.

Abstract: This paper aims to analyze the influence of family inheritance on the adaptation of students to higher education. This discussion is based on the contributions of the theorist Pierre Bourdieu. Field research data were obtained through semi-structured interviews with college students. The results showed that the initial period of entrance to university and the adaptation to higher education were marked by family inheritance. Students reported experiencing a feeling of strangeness towards the university field and the inability to meet academic requirements. It was concluded that family inheritance has an effect on higher education; however, it does not determine the progress of the students.

Keywords: University field. Family inheritance. Student habitus.

Resumen: Este artículo tiene como objetivo analizar la influencia de la herencia familiar en la adaptación de estudiantes a la educación superior. La discusión se basa en las aportaciones del teórico Pierre Bourdieu. Los datos de la investigación de campo se obtuvieron mediante entrevistas semiestructuradas con estudiantes universitarios. Los resultados indicaron que el periodo inicial del ingreso a la universidad y la adaptación a la educación superior fueron marcados por la herencia familiar. Los estudiantes reportaron sentir cierta extrañeza con relación al ámbito universitario e incapacidad frente a las exigencias académicas. Se concluye que, aunque repercute en la educación superior, la herencia familiar no es determinante en el progreso de los estudiantes.

Palabras-clave: Ámbito universitario. Herencia familiar. *Habitus* estudiantil.

Envio 11/06/2018

Revisão 12/06/2018

Aceite 24/08/2018

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de São Carlos. E-mail: xhellen68@gmail.com.

² Doutora em Educação Escolar (Unesp/Araraquara). Docente do Departamento de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de São Carlos. E-mail: mcsgfernandes@gmail.com.

Introdução

A influência familiar no desempenho escolar é um fator importante nos estudos da Sociologia da Educação. Esses estudos investigam a transmissão do patrimônio cultural e as aspirações escolares dos indivíduos, de acordo com a posição de classe (Alves *et al.*, 2013). Entre os autores, os estudos de Pierre Bourdieu referente à educação escolar se destacam na Sociologia da Educação.

As contribuições teóricas de Bourdieu ressaltam o papel da herança familiar na transmissão do capital cultural, do ethos e na inculcação de um *habitus* escolar. Essa transmissão realizada como que “por osmose” (Valle, 2013) interfere na relação que o estudante trava com a escola/universidade, podendo trazer implicações no seu desempenho escolar/acadêmico.

O presente artigo apresenta um recorte de estudos mais amplos de Iniciação Científica que vêm sendo realizados há dois anos em um grupo de pesquisa. Neste recorte discute-se as implicações da herança familiar, a partir das contribuições teóricas de Pierre Bourdieu, na adaptação ao ensino superior para estudantes oriundos de escola pública. Esse perfil de estudante foi selecionado por constituir o “novo público” do ensino superior público brasileiro, principalmente a partir de 2012, com a implementação da Lei de Cotas (Ristoff; 2014).

Para a obtenção de dados empíricos foram entrevistados seis estudantes universitários matriculados nos últimos períodos de seus cursos. A coleta de dados foi realizada na Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR), no Centro de Educação e Ciências Humanas (CECH). Este Centro foi escolhido por ser o que detém maior índice de estudantes oriundos de escola pública (Oliveira, 2014). Além disso, os estudantes entrevistados haviam participado de uma pesquisa inicial realizada em 2016, na qual responderam um questionário sobre a sua adaptação e permanência na universidade.

O roteiro de entrevistas semiestruturadas foi elaborado a partir de elementos fundamentados na teoria de Bourdieu e estudos sobre permanência universitária. Segundo Triviños (1987), a entrevista semiestruturada ocasiona novas perguntas conforme as respostas obtidas no decorrer da entrevista, tornando-se uma boa indicação de instrumento de coleta de dados para a pesquisa qualitativa, enriquecendo a investigação ao possibilitar liberdade e espontaneidade necessárias ao informante (Triviños, 1987). As entrevistas semiestruturadas

foram realizadas na própria universidade, com a gravação em áudio. Depois da transcrição das entrevistas, efetuada pela pesquisadora, a organização e análise dos dados foram desenvolvidas por meio da análise de conteúdo de Bardin (1977).

Inicialmente, o conteúdo foi analisado a partir do isolamento dos elementos (etapa inventário) e, posteriormente, classificado, a fim de trazer certa organização para a análise. Categorizar os elementos do conteúdo pressupõe uma investigação sobre o que há de comum entre eles, o que torna possível uma representação dos dados (Bardin, 1977). As entrevistas permitiram, portanto, perceber como o sujeito (no caso desta pesquisa, os estudantes universitários oriundos de escola pública) percebe a realidade (o campo universitário), considerando-se aspectos socio-históricos.

Os estudantes participantes eram voluntários e oriundos dos cursos de Ciências Sociais, Linguística, Pedagogia e Psicologia. Estes cursos, como já indicado, são pertencentes ao CECH.

No recorte da pesquisa proposto para este artigo é apresentada, inicialmente, a discussão sobre a herança familiar na teoria de Bourdieu, explicitada por dois conceitos essenciais na análise do autor: o *habitus* e o capital cultural. Em seguida são apresentados e discutidos os dados obtidos por meio da pesquisa de campo, trazendo os excertos das entrevistas que demonstram as repercussões da herança familiar no ensino superior, concluindo-se que a herança familiar impacta a escolaridade dos jovens, repercutindo também no ensino superior, o que exige dos mesmos, estratégias de adaptação e permanência na universidade.

125

A herança familiar na teoria bourdieusiana

Pierre Bourdieu formulou uma teoria que trouxe explicações para os diferentes desempenhos e desigualdades escolares. Ao contrário da visão predominante em seu momento histórico, baseada em um otimismo pedagógico quanto as possibilidades educacionais, Bourdieu buscou demonstrar que a escola não é um espaço neutro com igualdade de oportunidades para os cidadãos. A análise do sociólogo superou a percepção meritocrática sobre a educação, defendendo que o desempenho escolar é influenciado pela origem familiar e social do estudante (Nogueira; Nogueira, 2002).

Na perspectiva bourdieusiana, os indivíduos são agentes socialmente constituídos. A formação do agente envolve uma bagagem de cultura adquirida em seu meio de convívio,

principalmente na família. Dessa maneira, a herança familiar se faz presente na transmissão de conhecimentos que fundamentam a constituição e práticas do agente (Bourdieu, 1998a).

Nesse sentido, a herança familiar tem um papel central nos estudos de Pierre Bourdieu. Para o sociólogo, é na família que o indivíduo adquire as principais disposições para agir em determinadas situações (Bourdieu, 2007). Ou seja, o indivíduo recebe de seu contexto familiar formas de se relacionar com a realidade que tendem a permanecer em suas ações.

Bourdieu (2007) denomina essas disposições como *habitus*, conceito que evidencia o papel da família na formação do indivíduo. Bourdieu (2007) defende que o indivíduo interioriza determinados conhecimentos da cultura familiar e os exterioriza em suas práticas. Nogueira e Nogueira (2002), ao explicarem tal conceito, destacam que as disposições que regem a ação não se manifestam como respostas mecânicas, mas que o indivíduo adapta essas orientações em diferentes circunstâncias. Assim, o *habitus* é o conjunto de disposições que leva o indivíduo a agir de uma certa maneira, em uma determinada situação.

O *habitus*, portanto, recebe forte contribuição da herança familiar. Além desse conceito, o capital cultural é outra análise de Bourdieu que também se relaciona com a herança familiar. É por meio desse conceito que Bourdieu (1998a) rompe com os pressupostos meritocráticos da ideologia do dom e aptidões naturais.

Bourdieu (1998b) afirma que o capital cultural se refere à bagagem de conhecimentos socialmente adquiridos. No convívio familiar, “a bagagem transmitida pela família inclui, [...], certos componentes que passam a fazer parte da própria subjetividade do indivíduo, sobretudo, o capital cultural na sua forma ‘incorporada’³” (Nogueira; Nogueira, 2002, p. 21). Diante das estratégias de investimento escolar, é a transmissão doméstica do capital cultural a forma mais oculta e determinante que o agente pode receber (Bourdieu, 1998a).

O capital cultural é a base do autor para explicar as desigualdades nos desempenhos escolares de estudantes de diferentes classes (Bourdieu, 1998a). Segundo Bourdieu (1998b, p. 42), “a herança cultural, que difere, sob dois aspectos, segundo as classes sociais, é a responsável pela diferença inicial das crianças diante da experiência escolar e, conseqüentemente, pelas taxas de êxito”.

³ Processo em que as disposições culturais se entranham nos corpos dos indivíduos e tornam-se parte de suas propriedades físicas. Para tanto, as habilidades e competências físicas e mentais apresentam um determinado conhecimento que foi incorporado ao indivíduo (NOGUEIRA, 2017).

Assim, Bourdieu (1998b, p. 42) salienta que “a ação do meio familiar sobre o êxito escolar é quase exclusivamente cultural”. Quando essa bagagem de referências culturais e conhecimentos considerados legítimos são transmitidos pela família, o estudante tende a ter melhores êxitos, porque a cultura e os conteúdos trabalhados pela escola fazem parte do convívio familiar, como se a escola fosse uma extensão de sua casa. Dessa forma, os estudantes originários de famílias com pouca escolaridade têm, nas escolas, o único caminho de acesso à cultura (Bourdieu; Passeron, 2015).

Ao analisar a obra de Bourdieu, Valle (2013) explica essa diferenciação no desempenho dos estudantes, causada pelo capital cultural:

[...] esses estudantes [oriundos de famílias cultas] são beneficiados pelo capital cultural herdado de seu meio familiar e podem reinvestir espontaneamente esse capital nas atividades escolares. Ao contrário, para as classes mais desfavorecidas (filhos de agricultores, de operários, de pequenos funcionários ou de pequenos comerciantes), a aquisição da cultura escolar é aculturação. Esses alunos devem assimilar um conjunto de conhecimentos e de técnicas não dissociados de valores sociais e, geralmente, distantes de sua classe social de origem. Para eles, a escolaridade se assemelha a um percurso de obstáculos que os obriga a comprovar qualidades intelectuais e psicológicas com as quais, na maioria das vezes, não estão familiarizados (Valle, 2013, p. 420-421).

127

Para Nogueira e Nogueira (2009, p.52) o capital cultural favorece o desempenho escolar por auxiliar na “aprendizagem dos conteúdos e códigos (intelectuais, linguísticos, disciplinares) que a escola veicula e sanciona”.

Percebe-se, portanto, que a herança familiar, na teoria de Pierre Bourdieu, tem impacto na constituição do agente e influencia o desempenho escolar, “pois o aprendizado torna-se simples quando se possui uma base educacional, cultural e social no decorrer do crescimento do indivíduo” (Santos; Ferreira; Ferreira, 2017, p. 4).

Em relação ao impacto da família no ensino superior, Santos, Ferreira e Ferreira (2017) analisaram a influência da herança familiar no desempenho de estudantes universitários do curso de Administração no Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (Enade). Segundo os autores, o principal resultado da pesquisa é que os alunos que tiveram as melhores médias no exame são aqueles que têm os pais com ensino superior ou com uma condição financeira melhor.

Os autores acrescentam ainda que o ENADE pode não ser o meio mais eficaz para se avaliar o desempenho universitário, devido a fraudes e falta de interesses dos estudantes em realizar a prova. Para os autores, uma alternativa seria analisar as notas dos estudantes desde o início da graduação.

No caso do estudo apresentado neste artigo, a análise da herança familiar voltou-se à fase inicial de ingresso na universidade para os estudantes oriundos de escola pública, bem como para a compreensão da influência da herança familiar no processo de adaptação dos jovens ao campo científico, principalmente quando representam a primeira geração de suas famílias a ingressarem no ensino superior.

Os dados obtidos pela pesquisa de campo em que os estudantes universitários se manifestam sobre a influência da herança familiar em sua adaptação ao ensino superior são apresentados a seguir.

A adaptação ao ensino superior

128

De acordo com os resultados de uma pesquisa sobre permanência universitária (Silva, 2016), 78,3% dos estudantes oriundos de escola pública são pertencentes a famílias de camadas populares. Nogueira e Nogueira (2009) esclarecem que, na teoria de Bourdieu, as famílias de camadas populares tendem a ter baixos investimentos e aspirações em relação à escolarização, devido às poucas experiências de êxito e os poucos recursos de capitais (econômico, social e, sobretudo, cultural) para a fruição do campo escolar: “Essas famílias estariam, em função de sua condição socioeconômica, menos preparadas para suportar os custos econômicos dessa espera, especialmente o adiamento da entrada dos filhos no mercado de trabalho” (Nogueira; Nogueira, 2009, p. 61). Essas constatações teóricas se aproximam das declarações dos estudantes em relação à influência familiar sobre a escolarização. Segundo dados trazidos pelas entrevistas, a principal influência familiar dos estudantes valorizava mais o rápido o ingresso no mercado de trabalho do que a continuidade dos estudos.

Os incentivos familiares à escolarização com vistas ao ingresso no mercado de trabalho podem ser compreendidos como uma questão não apenas de *habitus* familiar, mas também de *habitus* de classe, uma vez que se esperaria que os filhos “estudassem apenas o suficiente para se manter [...] ou elevar ligeiramente em relação ao nível socioeconômico alcançado pelos pais” (Nogueira; Nogueira, 2009, p. 61). É comum, portanto, em famílias de camadas populares a

pequena cobrança de sucesso escolar e a ausência de um acompanhamento mais sistemático nas trajetórias escolares dos filhos (Nogueira; Nogueira, 2009).

Entretanto, ao analisar a relação da família com os estudos, identificou-se nas entrevistas que os estudantes oriundos de escola pública receberam incentivos para a escolarização, principalmente de suas famílias: “Eu acho que, pela minha família ser uma família de trabalhadores, eles tinham a noção de que estudar era importante” (E1).

Ainda assim, os participantes relataram que o incentivo recebido estava voltado apenas para a educação básica e não para a educação superior, como explicado por uma das estudantes entrevistada:

[...] a vida que sonharam para mim não era bem essa de estudar, fazer um bom ensino básico para fazer a faculdade. Era fazer um bom ensino básico para conseguir um bom emprego na minha cidade mesmo. Quando eu vim para a faculdade, esse apoio eu não senti. (E4).

O principal motivo para a valorização da escolarização que os estudantes receberam de suas famílias se referia, assim, à expectativa de inserção no mercado de trabalho. Apenas a estudante E5, oriunda de uma família com acesso a maiores benefícios sociais e culturais, afirmou que recebeu dos pais o gosto pelo conhecimento, o que a motivou a continuar os estudos.

Diante da vinculação do estudo com a opção profissional e possibilidade de ingresso no mercado de trabalho, os estudantes afirmaram que sentiram um acompanhamento da família, mas não receberam um auxílio durante as práticas de estudo, como também não houve uma orientação em relação ao ensino superior: “Então eu acho que ficou assim: eu frequentei a escola, eu era incentivada a ler em casa, mas quando chegou à fase de decidir o que eu queria fazer e como conseguir isso, eles [os pais] não sabiam como orientar” (E2).

Ao investigarem a relação da família no desempenho escolar, Alves *et al.* (2013) utilizaram um conceito que contribui para a compreensão da situação dos participantes desta pesquisa, denominado de “capital informacional”. Segundo os autores, essa forma de capital se refere a um conjunto de conhecimentos e informações sobre a instituição escolar, trazendo vantagens para seus filhos no mercado escolar, ou seja, “no processo de produção do valor que

a escola confere ao aluno; valor esse que se expressa, sobretudo, em seus resultados acadêmicos, em particular nas notas a ele atribuídas” (Alves, *et al.*, 2013, p.578).

Os autores esclarecem que Bourdieu percebia, já nos inícios da década de 1960, o capital informacional como uma dimensão do capital cultural em seu estado “incorporado”, pois o teórico acreditava que:

[...] as famílias possuidoras de tais informações as convertem em trunfos na medida em que – com base nessas informações – logram realizar os investimentos escolares mais rentáveis, na forma da escolha adequada – e no momento certo – do estabelecimento de ensino, do curso, das opções curriculares etc (Alves; *et al.*, 2013, p. 579).

Nesse sentido, pode-se inferir que os estudantes participantes das entrevistas deste estudo receberam incentivos em relação à escolarização na transmissão da herança familiar, mas não o capital informacional em relação ao meio acadêmico. Sem esse estímulo para a progressão na escolarização avançada, os estudantes oriundos de escola pública não construíram ao longo de suas trajetórias escolares um *habitus* de estudo, pois suas famílias estavam distantes do campo científico-universitário (Bourdieu; Passeron, 2015).

A constituição do *habitus* de estudo, nesse caso, foi influenciada pela falta de transmissão, no meio familiar, de práticas de estudo e por um *ethos*⁴ voltado para o ingresso no mercado de trabalho, com pouca orientação sobre o meio acadêmico-universitário. Nos estudos de Nunes e Veloso (2017) evidenciou-se que os pais de camadas populares sentem dificuldades na transmissão do capital cultural. De acordo com as autoras, “apesar dos pais incentivarem a escolarização dos filhos, pouco puderam fazer para transmitir uma herança cultural que constituísse numa base fundamental de apoio a escolaridade mais avançada” (Nunes; Veloso, 2017, p. 30).

O peso da formação cultural da família na relação do estudante com a escola também pode favorecer o desempenho do estudante. A participante da pesquisa E5 pertence a uma família com maior escolaridade e recebeu uma forte influência durante a sua escolarização:

⁴ Conjunto de valores interiorizados no indivíduo que contribui para definir as atitudes em relação ao capital cultural e à instituição escolar (Bourdieu, 1998b).

Então eu ficava horas conversando com o meu pai, porque ele ficava explicando como funcionava um resistor. Antes de eu aprender, porque a professora falava que ia ensinar na outra aula, eu perguntava para o meu pai antes e ele já me ensinava, sabe? Então, eu acho que isso também me influenciou um pouco. Eu ter interações com o meu pai era um incentivo para eu aprender bastante na escola. Acho que isso sempre foi uma grande influência (E5).

A fala da estudante E5 demonstra que seus pais detinham, além do capital cultural, o capital informacional. Dessa forma, durante o cotidiano familiar os pais da estudante mobilizaram “seu patrimônio de conhecimentos na organização de um apoio pedagógico permanente que dá suporte, complementa e amplia a ação cognitiva da escola” (Alves, *et al.*, 2013, p. 579). Esse papel pedagógico que a família da estudante E5 realizou paralelamente com a escola favoreceu a sua adaptação e o desempenho na universidade, diferentemente dos estudantes oriundos de escola pública que não receberam esse suporte em seus contextos familiares.

Por conseguinte, percebe-se que quando a família está mais próxima dos conteúdos escolares, favorece a relação que o estudante estabelece com o meio escolar e isso transparece no seu desempenho. Nogueira e Nogueira (2002, p. 21) ainda complementam que “do ponto de vista de Bourdieu, o capital cultural constitui (sobretudo, na sua forma incorporada) o elemento da bagagem familiar que teria o maior impacto na definição do destino escolar”.

Para a estudante E5, a herança familiar foi tão significativa que, ao questionar-se o motivo da escolha pelo ensino superior, a participante naturalizou a sua continuidade nos estudos:

Então, eu não me lembro de ter pensado que era uma escolha, sempre foi uma coisa muito natural que eu ia fazer. As pessoas sempre apostaram muito em mim, que eu ia ter sucesso. Eu sempre ia bem na escola, então as pessoas sempre me tratavam como se fosse o curso natural das coisas. Eu, para falar a verdade, nunca pensei em não fazer, eu só estava escolhendo qual o curso (E5).

Por ser filha de uma família com contato com o ensino superior (a mãe fez uma pós-graduação), a estudante E5 se acostumou a ver a sua progressão nesse nível escolar como um destino natural, assim como analisado na obra “Os herdeiros” de Bourdieu e Passeron sobre a democratização do ensino superior na França (Nogueira; Nogueira, 2015).

Já para os demais participantes, estava claro que o ingresso na universidade foi uma escolha, sendo um dado que se mostra comum para os estudantes oriundos de escola pública. Oliveira e Melo-Silva (2010), ao identificarem o processo de dúvida em cursar ou não a Educação Superior pelos egressos de escola pública, apontam que tal processo se deve por esses estudantes encontrarem conhecimentos fora da escola, como dança, música, leitura complementar, entre outros, o que se mostra mais favorável do que ingressar em uma universidade com poucas condições de permanência.

Ainda assim, os participantes entrevistados escolheram a Educação Superior. Entre os motivos apontados, há o incentivo dos amigos e professores, o sonho e a realização pessoal de continuar os estudos em um nível superior, mas a ascensão social foi o principal motivo para os estudantes oriundos de escola pública buscarem a universidade: “[...] a sociedade valoriza muito o diploma. A gente acredita muito que é ele que vai mudar a nossa vida. Tem essa crença, já é imposto para a gente e os meus pais sofreram isso também. Eles também acreditavam nisso” (E2).

A crença de que a obtenção do certificado escolar (diploma) será suficiente para alcançar melhores postos de trabalho, favorecendo a ascensão social, ainda é forte na sociedade. Contudo, na teoria de Bourdieu percebe-se uma contradição presente na certificação escolar:

A legitimidade da certificação escolar – diploma –, refletida a partir da análise de Bourdieu, sinaliza a polêmica dessa formação que, ao mesmo tempo em que é socialmente necessária para a inclusão do agente nos ritos de inserção profissional, não a assegura; e a ausência da certificação também poderá, na pior das hipóteses, excluir o próprio agente (Rocha e Marques, 2014, p. 417).

Bourdieu (1998c) ao analisar o sistema de ensino francês nas décadas de 1960-70 chama a atenção para a questão de que as aspirações ao diploma dos “recém-chegados” se referem às aspirações dos pais que vivenciaram um outro momento em que o acesso e a conclusão dos altos níveis escolares eram mais restritos. Contudo, com a progressiva democratização da educação superior observa-se uma tendência de desvalorização do diploma.

Ao se investigar o período inicial de chegada ao ensino superior, os estudantes afirmaram ter vivenciado um sentimento de insegurança, principalmente pela dificuldade de se manterem, tanto financeiramente, por serem oriundos de camadas populares e estarem menos preparados para suportar os custos econômicos (Nogueira; Nogueira, 2009), quanto social e

psicologicamente, por estarem iniciando, rapidamente, a vida adulta e as responsabilidades de morarem sozinhos, longe da família.

A insegurança também abriu espaço para os estudantes oriundos de escola pública estranharem o campo científico-universitário, conforme evidenciam os trechos de fala apresentados a seguir:

Mas quando eu estava no curso, eu não entendia nada do que as pessoas falavam, não entendi o que eu estava fazendo ali, não entendia o que era a graduação, do que ela se tratava, eu ia... eu seguia o “fluxo” (E2).

Como eu parei para refletir um pouco sobre o primeiro ano, talvez todos os sentimentos que me geraram foi porque eu me sentia fora do ninho. Como se esse espaço não fosse para mim. Porque como que eu, pobre, filha de pobre, vindo da escola pública, periferia, o que eu estaria fazendo nesse espaço, sabe? No meio de tantos que estudaram em escola particular, que tiveram uma ótima base familiar, o que que eu estou fazendo aqui? Então eu me sentia muito deslocada e despreparada. Eu não me sentia preparada para o que os professores esperavam de mim (E3).

133

Esse estranhamento trazido nas falas das estudantes não ocorre por acaso, pois de acordo com Silva (2016) a escolaridade dos pais e das mães dos estudantes universitários oriundos de escola pública é bem diversificada. Contudo, destaca-se no estudo da autora que 19,9% dos pais ingressaram no ensino superior e 11,6% conseguiram concluir seus cursos de graduação. Um índice pouco maior foi apresentado pelas mães, 23,3% ingressaram na educação superior, sendo que 10% concluíram tal escolaridade e 5% prosseguiram com os estudos na pós-graduação (Silva, 2016).

Assim, foi verificado que 79,7% dos universitários oriundos de escola pública que participaram do estudo constituíam a primeira geração familiar que ingressava na educação superior (Silva, 2016). Dessa forma, o estranhamento que os estudantes oriundos de escola pública vivenciam ao chegarem ao campo científico-universitário, evidencia o quanto o campo científico é um espaço novo para esse público discente.

As características familiares dos estudantes oriundos de escola pública podem, portanto, influenciar em suas adaptações no campo científico, principalmente no que se refere às orientações e posturas diante dos conflitos e/ou oportunidades relacionadas à universidade, pois poucos são aqueles que detêm o capital informacional (Alves, *et al.*, 2013) na herança familiar.

Além do estranhamento, a dificuldade com os estudos acadêmicos começa a se fazer presente logo na experiência inicial desses estudantes, intensificando a possibilidade de desistência:

Assim, tudo bem, eu já imaginava que seria difícil estudar em uma faculdade, mas eu acho que não imaginava a dificuldade acadêmica. [...]. Então, o primeiro final de semestre que eu tive que enfrentar foi terrível. Eu chorava no final de semana, queria voltar para casa (E4).

O cotidiano acadêmico, então, vai mostrando para os estudantes oriundos de escola pública o seu nível de exigência em relação aos estudos. Segundo os estudantes, foi no ensino superior que eles perceberam que traziam uma defasagem cultural que teria implicações em sua formação:

Então, para quem nem estudava em casa depois da aula, a carga de leitura de 100 páginas de uma aula para a outra, com cinco disciplinas, era uma carga bem alta (E1).

Eu acho que o nível de exigência. A gente sai de um ensino médio em que você não é exigido muito, assim você se forma fácil. E aí, de repente, você entra na graduação e você tem que saber uma coisa que supostamente deveria estar aprendendo, não sei... (E2).

As falas dos participantes da pesquisa mostram que a dificuldade sentida na adaptação ao ensino superior se refere, principalmente, a um ensino médio pouco estruturado e com baixo nível de exigência de estudos. Esses dados confirmam os resultados da pesquisa de Nunes e Veloso (2017). As autoras apontaram que:

Estudantes que concluíram o ensino médio em escola pública apontam dificuldades. Mesmo considerando que existam estudantes dedicados e motivados, as condições objetivas apontam inúmeros obstáculos que dificultam a competição em condições de igualdade com estudantes de escolas mais elitizadas (privadas) (Nunes; Veloso, 2017, p. 31).

Além disso, os estudantes de famílias com baixa escolaridade, no ensino superior, sentem um processo de aculturação que Bourdieu e Passeron (2015) esclarecem como um

distanciamento da sua própria cultura para aquisição de uma nova, nesse caso, a cultura científica. Esse processo inicial traz implicações para a permanência ao longo da graduação.

O último elemento que se destacou em relação à fase inicial no campo científico se refere ao sentimento de incapacidade acadêmica e às dificuldades emocionais:

Eu ficava assim, “nossa, eu sou muito burra mesmo, porque não é possível”. [...] Então a minha autoestima também acabou sendo prejudicada, nesse sentido. E eu acho que é um ciclo vicioso, porque você vai alimentando esse sentimento de que “ai, eu não sou tão bom assim” e, sei lá, acho que vai desanimando um pouco na hora de estudar porque “ah, não adianta estudar porque eu não sou boa mesmo” e a coisa vai piorando (E4).

Assim, quando eu estava em uma época, olha, 2013, que era quando eu estava no segundo ano, eu comecei a ficar muito mal. Assim, eu cheguei a ter até umas ideias suicidas, eu não estava dando conta emocionalmente. Então, assim, em questão de nota, não mudava, só que a academia como um todo começou a ficar muito aversiva para mim. Cheguei a pensar em largar o curso e voltar para lá (E5).

135

Com a insuficiência de capital cultural e do *habitus* acadêmico, começa uma diferenciação nos desempenhos dos estudantes (Bourdieu, 1998b). Dessa maneira, é possível perceber nas falas dos participantes da pesquisa que tanto a avaliação a partir do mérito quanto a própria dinâmica do cotidiano acadêmico se tornam excludentes para os estudantes de camadas populares.

Esses dados nos mostram que a seleção que parece se apoiar nos dons e méritos é também aceita pelos estudantes oriundos de escola pública, camuflando a democratização parcial do ensino superior. Assim, a universidade não apenas rejeita, mas também convence os rejeitados de que são eles os inapropriados para o campo científico (Bourdieu, 1998d).

Os graduandos, portanto, sentem que a exclusão no ensino superior vai além da fase de ingresso, ocorrendo também durante a permanência na universidade. Nas palavras de Bourdieu: “Como sempre, a Escola exclui; mas, a partir de agora, exclui de maneira contínua, em todos os níveis do *cursus* [...], e mantém em seu seio aqueles que exclui, contentando-se em relegá-los para os ramos mais ou menos desvalorizados” (Bourdieu, 1998d, p. 224).

As dificuldades na adaptação estão presentes, portanto, em diferentes fatores, que influenciam a inserção e adaptação dos estudantes oriundos de escola pública na universidade. Observa-se que muitas dificuldades se referem às origens familiares e sociais dos estudantes

para acompanhar um campo novo para esse público discente. Apesar das dificuldades serem de ordem externa aos estudantes, os participantes da pesquisa se responsabilizam ao serem convencidos por mecanismos de avaliação que são incapazes para o ensino superior.

Considerações finais

Os estudos de sociologia da Educação consideram a influência da herança familiar nos desempenhos escolares dos estudantes. Em relação às desigualdades culturais, Pierre Bourdieu apresenta uma análise teórica em que a transmissão cultural da família tem um importante peso na fruição escolar do estudante, principalmente a partir dos conceitos de *habitus* e capital cultural. Dessa maneira, foi investigado o impacto da herança familiar na adaptação ao ensino superior com estudantes oriundos de escola pública, primeira geração de suas famílias a ingressarem em uma universidade (Silva, 2016).

A partir dos dados das entrevistas entendeu-se que os estudantes oriundos de escola pública receberam de suas famílias, incentivos para o ingresso no mercado de trabalho, com poucas contribuições para o ensino superior. Além disso, os estudantes não receberam um acompanhamento durante o percurso escolar, impactando negativamente suas práticas de estudo e interferindo na constituição do *habitus* estudantil. O principal motivo para escolherem cursar o ensino superior se refere à crença na ascensão social que o diploma poderia ocasionar.

O período inicial de entrada e a fase de adaptação ao ensino superior foram marcados pela herança familiar, principalmente pela ausência de práticas de estudo e de baixo capital informacional sobre o campo científico-universitário. Os estudantes estranharam a universidade e se sentiram incapazes diante das exigências acadêmicas, fortalecendo a exclusão que o sistema escolar/universitário pode trazer.

Assim, considera-se que a herança familiar traz repercussões na escolaridade dos jovens, repercutindo também no ensino superior. Diante disso, ressalta-se a importância de se considerar a herança familiar na fase inicial universitária, para a promoção de um melhor acolhimento e uma inserção positiva do estudante no ensino superior.

Referências

ALVES, Maria Teresa Gonzaga, *et al.* Fatores familiares e desempenho escolar: uma abordagem multidimensional. **Revista Dados – Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v. 56, n.3, p. 571-603, 2013.

- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1977.
- BOURDIEU, Pierre. Os três estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (Orgs.). **Escritos de Educação**. Petrópolis: Vozes, 1998a. p. 71-79.
- BOURDIEU, Pierre. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (Orgs.). **Escritos de Educação**. Petrópolis: Vozes, 1998b. p. 39-64.
- BOURDIEU, Pierre. Classificação, desclassificação, reclassificação. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (Orgs.). **Escritos de Educação**. Petrópolis: Vozes, 1998c. p. 145-183.
- BOURDIEU, Pierre. Os excluídos do interior. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (Orgs.). **Escritos de Educação**. Petrópolis: Vozes, 1998d. p. 217-227.
- BOURDIEU, Pierre. A gênese dos conceitos de habitus e de campo. In: **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. p. 59-73.
- BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **Os herdeiros**: os estudantes e a cultura. Trad. Ionne Valle. Florianópolis: Editora da UFSC, 2015.
- NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins; NOGUEIRA, Maria Alice; A sociologia da educação de Pierre Bourdieu: Limites e contribuições. **Educação e Sociedade**, ano XXIII, n. 78, p. 15-36, abr. 2002.
- NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins; NOGUEIRA, Maria Alice. A herança familiar desigual e suas implicações escolares. In: **Bourdieu e a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. p. 51-69.
- NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins; NOGUEIRA, Maria Alice. Os herdeiros: fundamentos para uma sociologia do ensino superior. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 36, n. 130, p. 47-62, jan.-mar., 2015.
- NOGUEIRA, Maria Alice. Capital Cultural. In: CATANI, Afrânio Mendes, *et. al.* **Vocabulário Bourdieu**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. p. 103-106.
- NUNES, Roseli Souza dos Reis; VELOSO, Tereza Christina Mertens Aguiar. Desafios da permanência para estudantes com vulnerabilidades socioeconômicas no contexto da educação superior pública. In: SEMINÁRIO NACIONAL DA REDE UNIVERSITAS, XXV, 17 a 19 de maio de 2017. Faculdade de Educação, UnB Brasília/DF. **Anais...** 2017. Disponível em: <https://drive.google.com/drive/folders/0Bw_ptI_xxOGFR2Z1azlkX1EyLVU> Acesso em: jul. 2017.
- OLIVEIRA, Máisa Aparecida. **A atividade discente na universidade**: os impactos da produtividade acadêmica na formação dos estudantes. 2014. 152 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2014.
- OLIVEIRA, Melina Del’Arco de; MELO-SILVA, Lucy Leal. Estudantes universitários: a influência das variáveis socioeconômicas e culturais na carreira. **Revista Semestral da Associação Brasileira**

de Psicologia Escolar e Educacional – SP, v. 14, n.1, p. 23-34, Jan/Jun. 2010. Disponível em:
<<http://www.scielo.br/pdf/pee/v14n1/v14n1a03.pdf>> Acesso em 09 set 2017.

RISTOFF, Dilvo. O novo perfil do campus brasileiro: uma análise do perfil socioeconômico do estudante de graduação. **Avaliação**, Campinas; Sorocaba, SP, v. 19, n. 3, p. 723-747, nov. 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/aval/v19n3/10.pdf>> Acesso em: 10 set. 2017.

ROCHA, Elane Luís; MARQUES, Mara Rúbia Alves. A certificação escolar segundo Pierre Bourdieu: a educação superior e a contradição da legitimação profissional. **Ensino Em Re-Vista**, v. 21, n. 2, p. 409-420, jul./dez. 2014. Disponível em:
<<http://www.seer.ufu.br/index.php/emrevista/article/viewFile/28036/15444>> Acesso em 07 nov. 2017.

SANTOS, Natalia da Silva Malagutti; FERREIRA, Camila Cristina; FERREIRA, Thiago Spiri. A herança familiar e o rendimento acadêmico: a relação entre os capitais herdados e o rendimento acadêmico no ENADE 2015. In: SEMINÁRIOS EM ADMINISTRAÇÃO, XX SEMEAD, 08 a 10 de novembro de 2017. Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, USP, São Paulo/SP. **Anais...** 2017. Disponível em
<http://login.semead.com.br/20semead/anais/resumo.php?cod_trabalho=1481> Acesso em 20 fev. 2018.

SILVA, Hellen Cristina Xavier da. Trajetórias acadêmicas de estudantes oriundos de escola pública: adaptação a um novo campo. **Relatório de Iniciação Científica**. PIBIC/CNPq, 2016.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. Pesquisa Qualitativa. In: **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987. p. 116-170.

VALLE, Ione Ribeiro. O lugar da educação (escolar) na sociologia de Pierre Bourdieu. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 13, n. 38, p. 411-437, jan./abr. 2013.